

“PRO DIA NASCER FELIZ” NAS ESCOLAS OCUPADAS POR ESTUDANTES SECUNDARISTAS: NOTAS PARA UMA EDUCAÇÃO DA INSURREIÇÃO

Shara Jane Holanda Costa Adad¹
Ana Cristina Meneses de Sousa²

Os involuntários de uma pátria que não queremos,
de um governo (ou desgoverno) que não nos representa
e nunca nos representou. [...] Só nós mesmos podemos nos representar,
ou talvez, só nós podemos dizer que representamos a terra – esta terra.
Não a “nossa terra”, mas a terra de onde somos, de quem somos.
Somos os involuntários da Pátria. Porque outra é a nossa vontade.
Involuntários de todas as Pátrias, desertai-vos!
Eduardo Viveiros de Castro (2016)

I

O documentário “Pro dia nascer feliz”³ (JARDIM, 2006) e a ocupação nas escolas⁴ colocam em questão não apenas o que deve ou como deve ser a escola, mas também giram em torno de uma pergunta: o que ela pode? Para além de uma concepção institucionalizada, a escola é possível? O documentário denuncia o quanto o poder desmesurado pretende decidir sobre a escola, sua vida e seu

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Doutora em Educação, na linha Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola, pela Universidade Federal do Ceará. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPI e orienta pesquisas na área da Sociologia das juventudes e do corpo em diferentes contextos educativos, tendo em vista outros modos de educar no contemporâneo. E-mail: shara_pi@hotmail.com

² Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Doutora em História, na linha de pesquisa de Cultura e Memória, pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Orienta pesquisas na área de História, Literatura e Intelectuais. E-mail: aninhahistoriadora9@gmail.com.

³ O documentário “Pro dia nascer Feliz”, 2006, roteiro e direção de João Jardim, aborda o sistema educacional brasileiro, descrevendo realidades escolares de diferentes contextos sociais, econômicos e culturais a partir de diversos olhares sobre os ambientes que constituem a estrutura educacional, seja do ponto de vista da instituição, do aluno, do professor ou da família. Propõe, ainda, demonstrar o abismo existente entre as escolas públicas e privadas e a relação do adolescente com a escola, enfocando a desigualdade social e a banalização da violência.

⁴ Estamos nos referindo aos movimentos estudantis que iniciaram, em novembro de 2015, na cidade de São Paulo, com o objetivo de protestar contra o projeto do governador Geraldo Alckmin (PSDB), que levaria ao fechamento de 94 escolas. O projeto previa a implantação do novo sistema de ciclos e implicaria no remanejamento de mais de 300 mil alunos. Esse Movimento se espalhou para outras capitais brasileiras, a exemplo do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

cotidiano, muitas vezes fazendo uso de uma simples canetada. O longa-metragem realça o intolerável dessa situação, onde o poder e o controle ostentam eficácia, através das do medo e da intimidação. Por sua vez, a ocupação das escolas pelos estudantes secundaristas, organizada em algumas capitais do Brasil, destaca esse espaço como lugar de suspensão (LÓPEZ, 2014), interrupção temporária das suas atividades para gritar ao mundo: “Não obedeco mais!”. Por meio dessa ação, jogam na cara da figura de poder o que consideram injusto, possibilitando a visualização de sua revolta: “É sempre assim. Engole! Aceita, aceita e aceita! Não somos obrigados a aceitar tudo” (MELLO, 2015), reclamou o jovem Fabricio Ramos, 17 anos, sobre a forma como são tomadas as decisões no ambiente escolar. Nenhum poder é capaz de tornar a insurgência absolutamente impossível porque aquele que se rebela é, em definitivo, sem explicação. Ocorre um dilaceramento que interrompe o fio da história e suas longas cadeias de razões para que se possa preferir os riscos das incertezas à certeza de ter de obedecer. Tudo se revira, deixa de estar a mercê e resiste, furando os bloqueios.

II

Ônibus deteriorados, professores que faltam, desmotivação, abandono físico da escola pelo Estado e pela comunidade. Professores incapazes de perceberem a sensibilidade de Valéria, 16 anos, estudante de uma escola pública da zona rural de Pernambuco que, apesar de sofrer violência cotidiana em meio a um cenário de desmotivação, ainda consegue manter um olhar poético e esperançoso diante da vida. Olhar esse que não se desfaz mesmo enfrentando a dúvida perene levantada pelos professores sobre a veracidade da autoria de seus escritos. Durante duas semanas de filmagem do documentário “Pro dia nascer feliz” (JARDIM, 2006), a estudante foi à escola somente três vezes, pois o ônibus que a conduzia já possuía a triste “sina” de viver quebrando. Valéria, apesar de vivenciar uma realidade social e educacional árdua e sofrida, sobrevivendo em meio a uma escola que amarga, entre outras falhas, apenas um único banheiro para ser dividido por todos os discentes, ainda encontra motivação para fazer poesia, revelando sensibilidade. Apesar das condições que a cercam, a

jovem mantém uma impressionante intimidade com as palavras. Ela poetiza em seus escritos: “Eu deveria ter uma péssima impressão da vida, se não fosse a paixão que tenho pela arte de viver. Meu acalanto é a melodia do vento sobre a minha janela, a minha certeza é a de que sempre que olhar pro céu terei as estrelas, protagonizando um belo espetáculo e que, ao anoitecer, terei um singelo luar e no despontar de um novo dia terei novas esperanças. E no palco da vida terei uma plateia exclusiva para me aplaudir em meio às contradições impostas pelo destino”.

III



Fonte: Rovená Rosa/Agência Brasil⁵

IV

“Pra gente ter melhoria, a gente tem que trabalhar. Pra gente ter vitória, a gente tem que lutar. Não tem vitória sem luta”. “A gente está esquecido. O Estado esqueceu a escola”. Essas são reflexões de estudantes de escola pública registradas no vídeo Ocupa Irineu. A gravação, veiculada pelo Mídia Ninja, um canal de jornalismo

⁵ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/audiencia-de-conciliacao-no-tj-discute-ocupacao-de-escolas> Acesso em: 07/08/2016 Reprodução da internet

independente, aborda a ocupação das escolas na cidade do Rio de Janeiro. Em São Paulo, o Movimento de Ocupação dos estudantes secundaristas, que chegou a atingir mais de duzentas escolas somente nessa cidade, foi e continua sendo um grito de alerta sobre o processo de precarização do Ensino público e sobre o não investimento em educação de qualidade no Brasil. As manifestações organizadas em todo o estado de São Paulo, após um plano de reorganização, da rede pública estadual, serviram como um duro alerta proferido contra as decisões arbitrárias e coercitivas do governo Geraldo Alckmin. A estratégia governamental iria acarretar no fechamento de cerca de noventa e quatro escolas e no remanejamento de mais de 300 mil alunos. O Movimento de Ocupação foi a resposta e a ressonância para falta de negociação do governo com estudantes, pais e professores. A ocupação das escolas pelos estudantes se traduziu em um micropoder contra uma miragem histórica da educação brasileira: a invisibilidade dos docentes, especialmente dos discentes, como agentes importantes e integradores do trânsito educacional. A Educação não é somente macropolítica feita de planos, planejamentos e reformas; ela é também a poesia e a dor da menina Valéria e o movimento Ocupa Escolas, auto-organizado por secundaristas, por exemplo.

V

Em Duque de Caxias (RJ), no documentário “Pro dia nascer feliz” (JARDIM, 2006), os jovens afirmam, em entrevista, roubar por ódio ou pela ausência de outras atividades interessantes. Um jovem se sobressai na escola ao se tornar alvo de polêmica entre os professores, principalmente durante as reuniões de conselho de classe, pois apresenta uma característica intrigante: é, ao mesmo tempo, inteligente e cativante e apresentou, em determinado período escolar, um comportamento enquadrado pela autoridade educacional como sendo ligado à criminalidade. Dessa forma, ele desperta entre professores e colegas uma dualidade: uma espécie de carinho, por ser simpático e muito risonho, ao tempo em que provoca raiva nos professores. A frustração do corpo discente vem da constatação de que o jovem, mesmo apresentando um rendimento melhor, em parte por ter se inserido em um

grupo de dança afro na escola, ainda não detinha as notas suficientes para obter uma nota aprovativa. A cultura da desmotivação, que contamina todos os agentes do processo educacional, embaraça e subtrai a alegria da escola. A retirada das condições mínimas de sobrevivência da juventude moradora de bairros empobrecidos e desprovidos de várias interferências culturais, como circuitos de esporte, arte, leitura e outros, é um forte embreante para a asfixia e o desgosto escolar que reflete os desgastes do ensino, da aprendizagem e da avaliação. A disciplina panóptica esconde uma revolução futura: a insurreição ou, como diz Peter Pál Pelbart em Carta Aberta aos secundaristas, “de pronto, já não se tolera o que antes se tolerava, e passa-se a desejar o que antes era impensável. Isso significa que a fronteira entre o intolerável e o desejável se desloca” (2016, p. 10).

VI



Fonte: Outras Palavras (Comunicação compartilhada e pós-capitalismo)⁶

VII

⁶ Disponível em: <http://outraspalavras.net/brasil/a-revolta-dos-adolescentes-vista-por-dentro/> Acesso em: 07/08/2016 Reprodução da internet

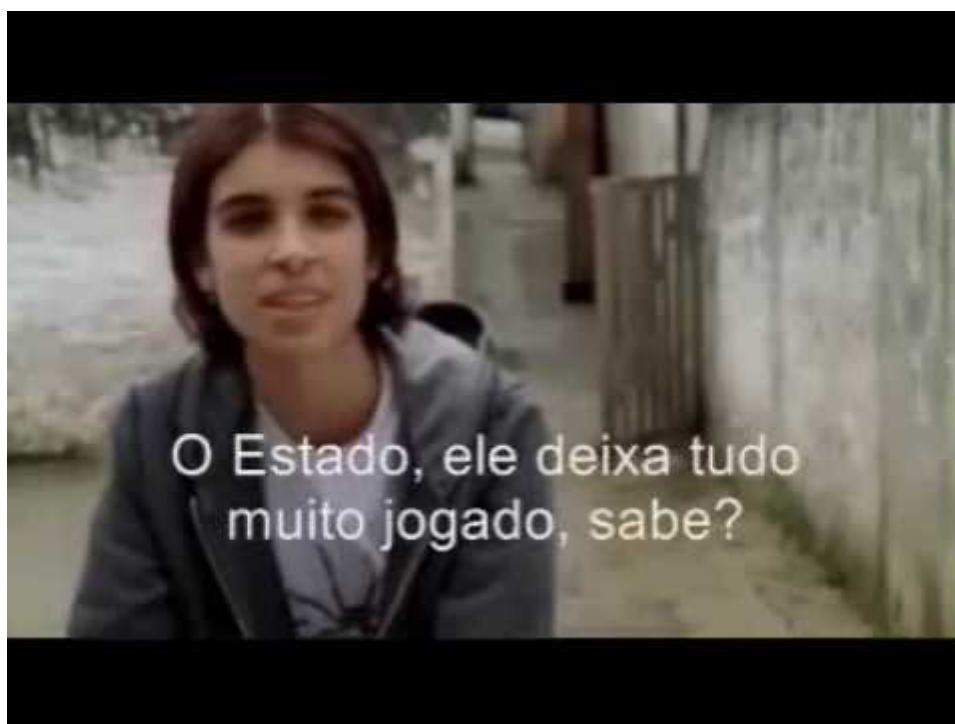
Na zona norte e sul da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, alunos e alunas ocuparam mais de 70 escolas de abril a maio de 2016. Em um portal de notícias nacional (REDE Brasil Atual, 2016), a aluna Samara da Paz diz: “A gente quer fazer um pré-vestibular aqui no colégio, tentar fazer coisas que a gente queria que tivesse aqui no colégio, e que não tem”. Outro entrevistado, o aluno Manuel Santos, insiste: “Estamos reivindicando uma série de outras coisas, como um currículo único, o aumento do salário de professores... Eles não recebem salário de forma digna. Ou seja, não é só a reforma em si”. Indo na direção contrária dos discursos de base política partidária e midiática, os estudantes das escolas ocupadas mostraram, pela força e inventividade, que a escola estava corroída por dentro de suas estruturas. A falta de investimentos, a mercantilização da educação, as relações de poder vigentes dentro do ambiente escolar e até mesmo os objetivos delimitados tinham criado a insurreição do momento: a possibilidade de imaginar outra escola, outro ensino, outra juventude, outro corpo e, possivelmente, outra sociedade.

VIII

As ocupações representaram um “corte abrupto na percepção social sobre o ensino, a polícia, o Estado, o poder, o desejo.” (PELBART, 2016, p. 11). Um corte que produziu uma desnaturalização; o que até ontem parecia inimaginável torna-se não só possível como desejável. Como se sentir habitando a escola de outro modo? O que há da escola em cada agente que a habita? Segundo o estudante Aryel David, 17 anos, a sensação de fazer parte do movimento de ocupação é de empolgação e aproximação com a escola. “É surreal. A escola faz mais parte do meu dia a dia do que fazia antes. Estamos limpando a escola, fazendo comida. Parece que fazemos mais parte da escola do que antes” (MELLO, 2015). O Comitê Invisível (2016, p. 94) nos mostra que “a subtração é a afirmação, e a afirmação faz parte do ataque.” Neste caso, ocupar é habitar o próprio inabitável. A capacidade de auto-organização cotidiana dos secundaristas que prosperou mostra que a

insurreição “exprime primeiro a cólera e depois a alegria [...] substitui o regime mecânico de argumentação por um regime de verdade, de abertura, de sensibilidade ao que aqui está” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 74-76). Momento de verdade e de redescoberta da carga afetiva ligada à palavra, que por ser um momento de tensão é capaz de desnudar o poder. Neste caso, sentir-se habitando e fazendo parte da escola, enquanto uma comunidade, um lugar fora da ordem, é o contrário de ser cidadão, entendido como população controlada, definida, registrada, vigiada, controlada, assistida – súdito de um Estado soberano.

IX



Fonte: Cena do Documentário “Pro dia Nascer Feliz”⁷.

⁷ Reprodução da Internet.

X

Não basta habitar a escola; é preciso que o espaço escolar esteja em cada um que faz da escola uma comunidade, gerando o pertencimento. O ocupar as escolas pelos estudantes secundaristas nos fez entender que os espaços nos atravessam e, o que habitamos, nos habita; o que nos cerca, nos constitui. “Entrever um mundo povoado não de coisas, mas de forças, não de sujeitos, mas de potências, não de corpos, mas de elos” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 94). Nessa perspectiva, ocupar é o mesmo que cuidar da terra de onde fazemos parte; daquilo que constitui nossa singularidade (CASTRO, 2016). Os estudantes, ao se organizarem para ocupar/cuidar da escola, mostraram que desejavam fazer parte de seus espaços. Isso pode ser observado no fato de que algumas salas foram transformadas em dormitórios. A secretaria e a diretoria foram lacradas com barricadas para evitar danos ou extravio de documentos. Os estudantes assumiram o controle das escolas ocupadas, organizaram-se em equipes de segurança, de limpeza, de atendimento à imprensa, de alimentação, de alojamento e passaram a deliberar as ações do grupo por meio de assembleias. No lugar das aulas, eles desenvolveram uma rotina própria nos prédios ocupados, organizando aulas públicas e cursos. O clima ordeiro surpreendeu a mãe de Fabrício Ramos que, segundo ele, o repreendeu no início do movimento. “Minha mãe veio aqui e viu como está a situação. Mostrei para ela como o pessoal está organizado. Ela pediu desculpas” (MELLO, 2015). Um dos itens do “manual de ocupação” ensina os estudantes a parar o tráfego de veículos durante manifestações. Segundo o material, os alunos devem levar mesas e cadeiras das salas de aula para as ruas, pois, além de ajudar a bloquear a passagem dos carros, elas são o símbolo da luta estudantil. O panfleto também orienta os estudantes a realizarem as manifestações em avenidas bastante movimentadas e, preferencialmente, entre 6h e 9 h. (GLOBO, 2016).

XI

COMO OCUPAR SUA ESCOLA?

Os estudantes do Rio Grande do Sul também já estão começando a ocupar as suas escolas, como mais uma ferramenta de mobilização e pressão social contra os ataques do governo Sartori. Quer ocupar sua escola? Então se liga!



1 ASSEMBLEIA
As principais decisões são discutidas e tomadas durante a assembleia. É um espaço onde todas e todos estudantes irão avaliar a situação política e pensar nos caminhos da luta. Organize uma Assembleia em sua Escola e ocupe-a!

2 COMUNICAÇÃO INTERNA
As decisões devem ser levadas ao coletivo de estudantes, inclusive a quem não estava presente nas assembleias e reuniões. É importante que exista um grupo responsável por fazer as informações circular dentro da ocupação, conversando com os colegas e fazendo cartazes por exemplo ou criando outras formas de deixar todos informados.

3 ATIVIDADES
Podem e devem ser organizadas atividades culturais como sarau, cine-debate, teatro, música, oficinas, debates políticos e diversas atividades que contribuem para a formação e fortalecimento da ocupação. As diversas atividades contribuem no convencimento dos colegas e também amplia o debate com a comunidade.

Fonte: Manual de ocupação de escolas fornecido por ONG aos estudantes do Rio⁸

XII

No documentário “Pro dia nascer feliz” (JARDIM, 2006), a tentativa do Conselho de Classe em imprimir um rótulo para o jovem de Duque de Caxias (RJ), que ora se apresentava como delinquente ora como um jovem inteligente e alegre, foi minada, resignificada pelo processo de ocupação das escolas, pela constatação de que os jovens pensam, se posicionam e têm desejos frente a um jogo educacional caquético, oportunista, mercantil e repressor. Talvez algumas pessoas vejam esse movimento como passageiro e outras até como tendo sido oportunizado por bandeiras partidárias de esquerda, mas o que se deve levar em consideração e experimentar é o gosto da insurreição, de dar língua aos afetos que pedem passagem (ROLNIK, s/d),

⁸ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/ong-fornece-manual-de-ocupacao-de-escolas-que-ensinar-parar-transito-19029681> Reprodução da internet

como os da menina Valéria, que nos mostrou que imaginar e criar é muito mais prazeroso que escutar as vozes cansadas dos professores que preferem acreditar que ela não seria capaz de escrever sobre coisas tão complexas e sensíveis. A experimentação da insurreição só pode ser vista como um sangue novo que corre pelos pilares insones do descaso do Estado com a educação. É a cantiga da vida a ser celebrada, de tal modo que jovens e educadores pudessem viver sua maioridade e se sentissem capazes de fazer suas escolhas, expressar as suas próprias convicções e intervir na excessiva busca de certezas ao construir as suas pontes para o futuro, sem medo das incertezas (ADAD, 2011). Caso contrário, quando o tempo da vida não é aprendido livremente, a vida passa a ser uma prisão.

XIII



Fonte: Alagoinhas Hoje⁹

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de Rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiros de Castro. **Os involuntários da Pátria**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

⁹ Disponível em: <http://www.alagoinshoje.com/apos-um-mes-de-ocupacao-das-escolas-estudantes-de-sp-continuam-nas-ruas/> Acesso em: 07/08/2016 **Reprodução da internet**

GLOBO. **ONG fornece ‘manual de ocupação’ de escolas que ensina a parar o trânsito.** Rio de Janeiro: Globo, publicado em 06/04/2016. Disponível em: <http://oglobo.com/rio/ong-fornece-manual-de-ocupacao-de-escolas-que-ensina-parar-transito-19029681#ixzz4HX5y9xJP> Acesso em: 12/08/2016

JARDIM, João. **Pro dia nascer feliz** (Documentário). Brasil: Cinemateca Brasileira, 2006. Disponível em: <http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=032093&format=detailed.pft> Acesso em: 29/07/2016

REDE Brasil Atual - RBA. **Cresce movimento de ocupação das escolas no Rio.** Rio de Janeiro: Rede Brasil Atual, publicado em 05/05/2016. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2016/05/no-rio-de-janeiro-segue-crescendo-o-movimento-de-ocupacao-das-escolas-5041.html> Acesso em: [15/08/2016](#).

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. A escola como lugar de suspensão. In: MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro; VARGAS NETTO, Maria Jacintha; KOHAN, Walter Omar. **Encontrar escola.** Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

MELLO, Daniel. **Em escolas ocupadas em SP, rotina inclui limpeza e aulas abertas.** São Paulo: Agência Brasil, publicado em 25/11/2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2015-11/estudantes-se-esforcam-para-manter-atividades-em-escolas-ocupadas-em-sao> Acesso em: 07/08/2016

ONG fornece ‘manual de ocupação’ das escolas que ensina a parar o trânsito. (2016) Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/ong-fornece-manual-de-ocupacao-de-escolas-que-ensina-parar-transito-1902968#ixzz4GhN4ynRm> Acesso em: 11/08/2016.

PELBART, PETER PÁL. **Carta Aberta aos secundaristas.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil.** s/d. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf> Acesso em: 12/08/2016.

VÍDEO OCUPA IRINEU. **A ocupação do C.E. Irineu Marinho (Duque de Caxias/RJ). Agora são os meninos que explicam o porquê.** Disponível em: <https://www.facebook.com/midiaNINJA/videos/642487019242780/> Acesso em: 07/08/2015

RECEBIDO EM: AGOSTO/2016
APROVADO: NOVEMBRO/2016